



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**EDSON BRITO SILVA**

**VIOLÊNCIA E ESCOLA**  
**Inquietações do aluno e a incivilidade compartilhada**  
**no âmbito escolar**

CAMPINA GRANDE – PB

JULHO 2014

**EDSON BRITO SILVA**

**VIOLÊNCIA E ESCOLA**  
**Inquietações do aluno e a incivilidade compartilhada**  
**no âmbito escolar**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Eli Brandão

CAMPINA GRANDE – PB

JULHO 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Edson Brito  
Violência e escola [manuscrito] : inquietações do aluno e a incivilidade compartilhada no âmbito escolar / Edson Brito Silva. - 2014.  
44 p. nao

Digitado.  
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.  
"Orientação: Pro<sup>ff</sup> Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras".

1. Violência Escolar. 2. Criminalidade na Escola. 3. Diagnóstico Avaliativo. I. Título.

21. ed. CDD 371.782

EDSON BRITO SILVA

**VIOLÊNCIA E ESCOLA**  
**Inquietações do aluno e a incivildade compartilhada**  
**no âmbito escolar.**

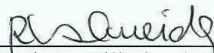
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19 de julho de 2014



---

Prof. Dr. Eli Brandão da Silva- UEPB  
Orientador



---

Prof.ª Rochane Villarim de Almeida- UEPB  
Examinadora



---

Prof.ª Eliane de Moura Silva - UEPB  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

Dedico de forma expansiva a todos os companheiros, amigos, colegas, aos já de conhecimento e relações, aos novos conquistados, a todos os **cursistas** que juntos caminhamos nesta construção e conhecimentos, em nossas trocas de experiências. Tenho certeza de que se não houvesse essa sinergia, não teríamos galgado o cabedal de conhecimento que absorvemos durante o transcurso da Especialização.

## AGRADECIMENTOS

À coordenação do curso de Especialização – no corpo de toda a sua equipe envolvida, pelo empenho, envolvimento e comprometimento, buscando melhor atender aos objetivos do curso.

Ao professor Dr. Eli Brandão pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação no mais expressivo sentido de orientação

Agradeço a minha metade, mais que metade, Mirtes Revoredo, esposa e dedicada corretora dos meus erros na língua mater.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao corpo de funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Um agradecimento em destaque, aos **colegas cursistas** pelas trocas de experiências.

Um extraterrestre, recém-chegado à terra – examinando o que em geral apresentamos às nossas crianças na televisão, no rádio, no cinema, nos jornais, nas revistas, nas histórias em quadrinhos e em muitos livros -, poderia facilmente concluir que fazemos questão de lhe ensinar assassinatos, estupros, crueldade, superstições, credulidade e consumismo. Continuamos a seguir esse padrão e, pelas constantes repetições, muitas crianças acabam aprendendo essas coisas. Que tipo de sociedade não poderíamos criar se, em vez disso, lhes incutíssemos a ciência e um sentimento de esperança? (SAGAN, 1996, p. 53).

## RESUMO

O nosso debruçar neste momento objetiva fazer um olhar descritivo da violência que permeia a sociedade contemporânea, e sua reprodução no ambiente escolar. A violência – enquanto objeto do olhar -, enquanto manifestação no e do espaço escolar, e esta pela reprodução de uma violência já estereotipada socialmente, mas na escola, agora, com um contexto antes não registrado na intensidade historicamente vista: a espetacularização do momento, ou seja, uma violência manifestada não só pelo encontro de atores envolvidos, mas com um acréscimo de partícipes com espectadores. Se antes havia uma intencionalidade para evitar-se, senão, não deixar fluir o acontecimento, hoje constatamos uma quase participação instigante de indivíduos que passam a ser atores-espectadores do momento '*divertido*', e não ainda locupletados com a *cena*, passam a sua publicização compartilhada.

## RESUMEN

Nuestra propuesta en este momento objetiva hacer un abordaje descriptivo de la violencia que se trasluce en La sociedad contemporánea, y su reproducción en el ambiente escolar. La violencia –como objeto de enfoque -, como manifestación en y del espacio escolar, y esta por la reproducción de una violencia ya estereotipada socialmente, pero en la escuela, ahora, con un contexto nunca antes registrado en la intensidad históricamente percibida: la espectacularización del momento, o sea, una violencia manifestada no solo por el encuentro de actores involucrados, sino con el aumento de participes con espectadores. Si antes había una intencionalidad para evitarse, o por lo menos, no dejar fluir el acontecimiento, hoy constatamos una casi participación instigante de individuos que pasan a ser actores-espectadores del momento '*divertido*', y no solo se deleitan con la escena, sino que la publican y la comparten.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Escola. Compartilhar. Inquietação.



## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO 1</b>	Aluno de Filosofia – Turma 1° A	36
<b>ANEXO 2</b>	Aluno de Filosofia – Turma 1° A	37
<b>ANEXO 3</b>	Aluno de Filosofia – Turma 1° B	38
<b>ANEXO 4</b>	Aluno de Filosofia – Turma 1° B	39
<b>ANEXO 5</b>	Aluno de Sociologia – Turma 1° A	40
<b>ANEXO 6</b>	Aluno de Sociologia – Turma 1° A	41
<b>ANEXO 7</b>	Aluno de Sociologia – Turma 1° A	42
<b>ANEXO 8</b>	Aluno de Sociologia – Turma 1° B	43
<b>ANEXO 9</b>	Aluno de Sociologia – Turma 1° B	44

## SUMÁRIO

<b>Tópicos</b>	<b>Pág.</b>
1. Introdução: A violência e a espetacularização	07
2. A violência escolar, historicamente	11
2.1 O aumento das ações violentas na escola	13
3. O aluno e a violência: Comportamento e fala	16
3.1 Violência escolar: Criminalidade x incivilidade	18
3.2 Um contrapondo paradoxal	19
4. Olhar de um diagnóstico avaliativo	19
5. As Avaliações	22
5.1 Análise descritiva das avaliações: Filosofia	23
5.2 Análise descritiva das avaliações: Sociologia	25
6. O olhar do aluno	28
7. Ponto de reflexão para a docência	30
8. Referencias bibliográfica	35

## **Introdução**

### **A violência no âmbito escolar**

O olhar deste trabalho debruça-se sobre um fenômeno – violência - que envolve o ambiente escolar, envolta a altitudes cada vez mais contumaz, de ações violentas, de estudantes e entre estudantes. O contexto de violência não parte aqui da ótica da violência enquanto criminalidade, mas de ações permeadas de incivilidade, no âmbito escolar. A problematização partiu de uma Avaliação Diagnóstica aplicada a um universo de 82 alunos do 1º ano Médio Regular, em uma escola pública. Deste universo, 42 alunos escreveram nesta avaliação suas inquietações diante da violência na sociedade, mas, ao mesmo tempo, quando da ocorrência de atos de incivilidade na escola, quando são testemunhas ou quando tomam ciência, buscam compartilhar e/ou publicizar por meios eletrônicos. O alunado que se inquieta com a violência social – enquanto discurso -, não o faz de uma mesma forma, com os atos de incivilidade no âmbito escolar.

#### **1.0 A violência e a espetacularização**

Nosso objetivo não é fazer um estudo reflexivo, ou mesmo descritivo da violência enquanto manifestação humana no seu contexto geral seja em ocorrências associadas a segmentos sociais, nas mais diversas vertentes facetarias do fenômeno violência; nem tão pouco situar como fato histórico, em diversos ângulos.

O nosso olhar vetorial é para a violência enquanto manifestação no e do espaço escolar, e esta pela reprodução de uma violência já estereotipada socialmente, mas na escola, agora, com um contexto antes não registrado na intensidade historicamente visto: a espetacularização do momento, ou seja, uma violência manifestada não só pelo encontro de atores envolvidos, mas com um acréscimo de participes com espectadores. Se antes havia uma intencionalidade para evitar-se, senão, não deixar fluir o acontecimento, hoje constatamos uma quase participação instigante de indivíduos que passam a ser atores-espectadores do

momento *'divertido'*, e não ainda locupletados com a *cena*, passam a sua publicização compartilhada.

Neste contexto, o da espetacularização e também a publicização culminando com a banalização dos acontecimentos, que deveriam ser categorizados como incivilizados; foram inseridos como uma diversão momentânea, e um quase regozijo ao ver as *cenas* serem divulgadas e compartilhadas.

A espetacularização acarreta a busca do olhar para os fatos ocorridos, não só mais pelos atores-espectadores, bem como pelos ativos envolvidos, mas pela busca da divulgação para que mais pessoas possam também ser espectadores.

Neste aspecto, a violência enquanto fenômeno produzido do âmbito escolar, estamos categorizando esse ambiente não só no aspecto físico-espacial da escola como agregador de sujeitos em seus muros; mas a escola em seus aspectos diretos – espaço físico – e os demais, tais como, os arredores geograficamente identificados; o encontro destes sujeitos ainda caracterizados como integrantes da escola, até ostentando o pertencimento a esta, mas que podem se confrontarem em outro espaço, como praças, áreas esportivas, festas, mas sempre vinculados e com presenças objetivamente ou subjetivamente identificadas como pertencimento da escola vinculada. Muitos dos casos observados como continuidade de uma tensão não resolvida no espaço-escola, e levados para outro local, mas ainda como situação estabelecida neste espaço, mas extensiva na continuidade em outro espaço, sempre público, ou seja, para a visibilidade dos previamente *'avisados'* ou de outros que presenciarão, reproduzindo a espetacularização.

Como esse olhar, não estamos problematizando a violência em seus diversos matizes ou suas causas que levaram a emergir os fatos evidenciados; mas sim, buscando fazer um contra ponto do fenômeno violência que permeia a vida escolar na contemporaneidade; com o discurso do aluno que vivencia este momento impar da manifestação de atitudes de violência, seja como atores diretos envolvidos, ou os atores-espectadores como testemunhas presenciais; bem como daqueles sujeitos escolares que senão participaram *in loco* dos eventos, mas se se incumbiram de socializar via compartilhamento.

Observamos que temos ações de violência ligadas ao contexto escolar, cada dia mais forte e em franco crescimento, em todas as faixas etárias, e cada vez mais, o que não se registrava antes, com o sujeito feminino que vem se acentuando cada

vez mais, e por motivos banais. São atitudes de violência que não há mais uma cara de idade e/ou gênero como os historicamente registrados: machões briguentos; onde a força física e o enfrentamento por essa força; verificamos uma mudança de perfil destas manifestações, onde, os não tão fortes, ou até mesmo, se uns bons condicionamentos físicos também estão tornando-se atores da violência escolar. Violência essa incrementada, agora, por recurso que melhor permita o enfrentamento, como por exemplo: armas brancas de fácil acesso e manuseio na escola, como estiletes, pequenos punhais; bem como instrumento de maior poder de violência como arma de fogo, por exemplo.

O que antes, esses conflitos se davam como geradores no momento de encontro e tensão conflituosa e que eclodiam dentro de um espaço de tempo próximo, e sem um planejamento mais elaborado; hoje percebemos que muitas das violências demonstram que houve uma intencionalidade para sua culminância; que passa desde o levar algum recurso para o enfrentamento – armas brancas ou mais letais -, bem como a associação de cumplicidade com outros sujeitos, também da escola, para a culminância do enfrentamento, além de sua divulgação para o registro do ato planejado e a posterior divulgação.

Outro ponto que observa-se, e é essa abordagem que fazemos, ou seja, centralizaremos neste contexto, é o discurso do aluno com sua inquietude diante da violência que permeia a sociedade. Esse sujeito-aluno é capaz de elaborar um discurso ante a violência, seja ela por ciência desta, seja como registro presencial, seja como vítima direta ou indiretamente – ocorrida consigo ou /e entre os seus relacionamentos próximos -; percebemos uma inquietude angustiada dos jovens em cada fase escolar, notadamente quanto maior a fase escolar, maior o nível de leitura de mundo, maior sua inquietação.

Esse sujeito, que está em pleno vigor de sua emancipação intelectual, em plena construção de mundo, preocupado de alguma forma com o momento social que está vivenciando; expandido sua leitura para um tempo vindouro, até levando-se a um pessimismo quanto a sua existência futura, colocando em dúvida a sociedade vindoura.

Enquanto discurso, seja pela oratória, seja pela manifestação escrita, com até um bom grau de competência linguística, é capaz de elaborar bons argumentos, sejam descritivos ou analíticos das ocorrências de violência na sociedade que está

inserido; mas, também, e em muitos casos, esse mesmo jovem, seja pela impulsividade da idade, seja pela curiosidade ou qualquer outro interesse, ele que está de posse e do conhecimento dos atos de violência que ocorreram no ambiente escolar que esteja inserido, ou até mesmo de outros ambientes e momentos. Para esse sentido, até buscam os melhores recursos possíveis para que melhor possam visualizar os espetáculos promovidos pelos seus contemporâneos escolares.

Se por um lado percebe-se, assim, uma inquietação manifestada em um discurso; por outro quer o melhor ângulo para ver o que já registrado esteja, nos fatos ocorridos. Um paradoxo: a não violência enquanto discurso, e a socialização da violência já efetivada. O que nos leva a observar um panorama paradoxal: Violência na vida e na convivência escolar e ao mesmo tempo um discurso contra a violência.

Quando problematizamos a violência no contexto escolar, estamos olhando de forma aguda, os atos de violência geradores de possibilidade de socialização por via de compartilhamento. Como exemplo agudo, citamos a violência por contato físico, de agressões físicas e/ou até morais, mas que faça parte de um cenário, de um *palco*, onde os envolvidos diretamente ou os espectadores possam agir conforme a intencionalidade da tensão possa realmente se concretizar, ou que seja circunstancial, mas que seja um momento testemunhado por um número qualquer de pessoas.

Embora seja do âmbito escolar e em suas abrangências neste trabalho já citado, não é nosso foco a violência contra o patrimônio da escola, seja ele material ou imaterial - violência ao denegrir a imagem da escola, por exemplo; a violência da escola, nas situações que ela também gera algum tipo de violência, onde.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que a escola também produz sua própria violência e sua própria indisciplina. (GUIMARÃES, 2006.)

Pois, segundo a autora de um artigo denominado de *Escola: Espaço de violência e Indisciplina*, publicada em [www.lite.fea.unicamp.br/revista](http://www.lite.fea.unicamp.br/revista), que em seguida argumenta:

A escola como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas seja todas iguais. Há quem afirme: *quanto mais iguais, mais fácil de dirigir*. A homogeneização é exercida por meio de mecanismo **disciplinar** (destaque nosso), ou seja, de atividades que esquadrinham o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e as atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impõem aos corpos uma atitude de submissão e docilidade. (Idem).

E vai mais além, de forma aguda e pontual quando continua alegando: “A disciplina imposta, ao desconsiderar, por exemplo, os modos como são partilhados os espaços, o tempo, as relações entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência” (idem).

Essas manifestações também são atos de violência no âmbito da escola, mas em geral não gera espetacularização e compartilhamento. Bem como, também no caso em epigrafe de nossa abordagem, que foi uma unidade escolar pública, não houve registro do discurso do aluno que tenha em mente essa violência. Como também não houve discurso como foco à indisciplina, ou seja, a quebra de regras da escola, ou do espaço escolar.

O foco é a situação conflitiva entre alunos em enfrentamento físico e espetacularizado, mediante fenômeno que esteia a contemporaneidade, uma cultura midiática. A mídia como instrumento de comunicação de massa, que Santaella vaticina:

No sentido mais estrito, mídia se refere especificamente aos meios de comunicação de massa, especialmente os meios de transmissão de notícias e informação, tais como jornal, rádio, revista e televisão. Seu sentido pode se ampliar ao se referir a qualquer meio de comunicação de massa, não apenas aos que transmitem notícias. (SANTAELLA, 2003. p. 61).

## **2.0 A violência escolar, historicamente.**

É comum alegarmos hoje que a violência campeia a escola em um nível antes não visto, com alto índice de violência em todas as suas matizes, seja a violência física, seja a violência moral; manifestada entre alunos, entre alunos/professores, não necessariamente só nesta ordem, enfim, a violência no

contexto da escola. Não deixa de ser um panorama que tenha seus fundamentos, seus alicerces de dados e estudos, como foi feito, iniciando este estudo, conforme relata Sposito, pontuando o início dos estudos na década de 80:

Os primeiros passos mais sistematizados para a compreensão do fenômeno decorrem de iniciativas dispersas do Poder Público em registrar as ocorrências de violência escolar, para esboçar um quadro mais realista de sua magnitude e extensão. A precariedade das informações é significativa e decorrente de uma série de fatores. O primeiro diz respeito à ausência de continuidade nas formas de registro e de monitoramento do fenômeno. (SPOSITO,2001. p. 92).

Logo em seguida a autora do artigo publicado em 2001, na *Educação e Pesquisa*, publicação USP, intitulado *Um, breve histórico da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*, ela melhor pontua sua observação:

Os primeiros diagnósticos baseados em levantamentos parciais sempre apontam as depredações, furtos e invasões em períodos ociosos, como grandes problemas dos anos 1980 em cidades como São Paulo, Salvador, entre outras. (Idem).

No contexto acadêmico a autora também registra que *“Sob o ponto de vista da produção acadêmica na pós-graduação em Educação, o tema da violência foi abordado em toda a década apenas por duas pesquisadoras. Uma delas em suas pesquisas de mestrado e doutorado”*.

Um viés que podemos trilhar para esse dado histórico do estudo do fenômeno violência pode-se dar pelo olhar que, até então tinha um regime de governança pautada no controle disciplinar, seja pela própria força coercitiva, seja pela construção curricular, seja até pela constituição da escola como espaço regulador do pensamento social canonizado pelos ranços antidemocrático. Neste momento, tínhamos uma sociedade amedrontada, coagida. Esses fatos por natureza eram inibidores das manifestações de violência e indisciplina.



## 2.1 O Aumento das ações violentas na escola

Também podemos analisar que o número de jovens em idade escolar que estavam efetivamente na escola, não representava a escala que vemos hoje, como por exemplo, segundo os levantamentos oficiais têm hoje em torno de 9,7 milhões de estudantes só no Ensino Médio, conforme o Censo Escolar 2012; 88,5% dessa massa estudantil no Ensino Público. Setor esse de maior forco dos estudos e pesquisas no âmbito da violência na escola.

Como a escola é o local de socialização dos sujeitos em idade de aprendizado, mas também é o local de culminância das intercorrência dos fenômenos sociais, dentre eles, a violência, seja urbana, seja doméstica, seja de qualquer natureza, e hoje com uma acessibilidade massificada, no caso do setor público e no ensino médios com uma massa de 8,6 milhões de estudantes aglomerados em espaços não planejados, não cativantes, com um nível de profissionais abaixo do necessário para nortear a vida escolar, e com essa grande interação dessa massa, não fica difícil de imaginar a tensão conflituosa nas relações interpessoais nas unidades escolares, seja em que cultura e dimensão social.

Com esse quadro, podemos analisar uma tensão permanente que favorecem ao recrudescimento da violência na escola, pois, por um lado temos uma instituição-lugar de socialização de crianças e jovens onde;

A Escola é um lugar privilegiado para refletir sobre as questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos, bem como as relações que se dão na sociedade. É também nesse universo onde a socialização, a promoção da cidadania, a forma de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal podem ser incrementados ou prejudicados. (MARRIEL, 2006. p. 35).

Um outro autor – Paulo Carraro, programa de Pós-graduação em educação da UFF - traz um olhar mais agudo, quando de um encontro promovido pela UFF, em 19 de maio de 2009, em um evento denominado de UFF Debate Brasil, onde na ocasião ele é tácito em dizer.

A escola é instituição universalista, sem dúvida, mas dentro dela habitam sujeitos diversos que precisam aprender o ofício de ser aluno e cidadão e

para isso precisam contar com a contribuição da instituição e seus agentes nesta humana e árdua tarefa de coexistir. (CARRARO, 2009. p.1).

Se historicamente a escola era um espaço de elite, isso desde o Império, quando se começa a formalizar as instruções escolares a partir do Ato Adicional de 1834, que vai ao encontro do estofamento constitucional da Constituição de 1824. Neste contexto de escolaridade, a escola tinha como objetivo atender a uma classe social privilegiada, principalmente para seu objetivo geral que era a formação humana integral. Esse formato, pelo menos de pontuar o acesso permeia o sistema educacional formal do Brasil por um bom e longo tempo, havendo, claro, nesse percurso, alguns avanços, algumas melhorias, mas nada tão significativo e massificador.

Esses avanços e mudanças que paulatinamente foram se efetuando, veio a desembocar na LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96 -; que define na própria descrição as bases curriculares para o ciclo de ensino até o médio, este, em todas com suas várias vertentes (Regular EJA etc.). O registramos com isso, foi um acesso à escola de forma exponencial de crianças e jovens, notadamente como já citamos, imperando uma massa concentrada no ensino público.

Como esse olhar podemos então perceber que o aumento da violência não se deu necessariamente pelo recrudescimento do ser humano e sua natureza gregária, mas, se olharmos com por viés, podemos ver que a sociedade também vem pautando-se em comportamentos violentos que vão respingar na escola.

Logo, se temos na escola um espaço onde a vulnerabilidade social é refletida, e esse espaço está massificado com um número antes não visto na história, é fato concomitante que a violência vai se mostrar também em graus representativos da sociedade. Assim, podemos visualizar não o aumento da violência na escola, de forma geral em todas as manifestações de violência, e em nosso caso estudado, os conflitos e tensões que culminam com o enfrentamento, não é um fenômeno isolado e só, e somente só, escolar.

Quando ventilamos as violências extramuros, mas que desembocam no espaço escolar no âmbito escolar, faremos uma breve abertura para uma violência geratriz em grau elevado para a violência na escola, que fez parte do discurso dos alunos analisados em uma Avaliação Diagnóstica. Trata-se da violência doméstica.

Sendo a família o primeiro processo de socialização do ser humano, a construção do sujeito, a sua formação psicológica e social será permeada pelas estruturas percebidas, apreendidas e incorporadas por esse ser socializante. É no convívio doméstico que ele começará a ser forjado como sujeito social, e no contexto do nosso olhar, o sujeito social no âmbito escolar. Logo, a violência doméstica será exteriorizada para a escola, que em tese, seria o passo seguinte de sua socialização de forma, mas expansiva e interativa.

Nesta espacialidade comportamental a criança ou o jovem vem forjado com uma cultura de violência, indisciplina, sem limites, recalcada, revoltada, ou quaisquer outros fatos que devem interferir de forma negativa com seus semelhantes; ela ira reproduzir nesse meio, de alguma forma, a violência que permeia seu ambiente psicológico e comportamental. Dá-se, então, muitas vezes das amarras das regras que norteia o convívio social, descambando para o comportamento inadequado, podendo desembocar nas atitudes de violência, consigo mesmo, com a instituição, e principalmente diante das relações interpessoais próprias do local-espaco escola.

Evocamos o que aborda uma pesquisadora da UFPB, em uma abordagem sua, na revista *Conceito*, nº 19, de dez. 2013, Marinalva Freire da Silva; que no discorrer de sua abordagem fala:

É inegável que a violência na escola é uma consequência da violência doméstica. Os especialistas em educação deduzem que o aumento acelerado da violência escolar se deve, geralmente, a uma crise de autoridade familiar, pois os pais não impõem disciplina aos filhos, deixando-a a critério da escola, que é a continuação do lar. As crianças não têm em casa a figura de autoridade, elemento *sine qua non* para o seu desenvolvimento. Quando os professores tentam assumir o papel disciplinar, que lhes é passado com tarefa exclusiva, na maioria das vezes, os pais resolvem confrontá-los. (SILVA, 2013. p.21)

Com esse painel descritivo, e em alguns pontos analíticos, buscamos pincelar a violência na escola, a partir de algum viés tais como a violência na escola de forma socializada compartilhada e como espetáculo de um fenômeno escolar; bem como, fizemos uma breve leitura do inicio dos estudos do problema no Brasil, perpassando pelo olhar que registra um aumento da violência problematizado o que

se tenta estigmatizar como os fenômenos crescentes, e o senso comum, olhado na escola como ocorrência isolada.

O percurso tem como pano de fundo, o aluno que está inserido no contexto da violência na escola, seja como ator direto do fenômeno efetivo no ambiente escolar, seja como ator-espectador. Seja em que situação for, temos um alunado que, quando chamado a dispor seu pensamento diante da violência, em geral se apossa de um discurso contra a violência, a favor da não violência, mas nem sempre seu discurso se confirma enquanto ator e espectador de uma manifestação violenta, de enfrentamento no ambiente escolar.

### **3.0 O aluno e a violência: comportamento e fala**

O nosso olhar, no primeiro momento, foca a relação do alunado com a violência. Em um aspecto, temos cada vez mais jovens, em idade escolar, e na escola sendo protagonistas de uma violência juvenil, particularmente, no ambiente de sua vivência escolar.

Não se trata de uma violência prescrita como criminalidade, como um agravante de planejamento de uma ação violenta que culmine com fins fatais, e de grande vulto e danos a outrem ou a sociedade como um todo; bem como, ações planejadas e de afrontamento à ordem estabelecida em forma de lei.

Trata-se, no caso escolar juvenil, de uma violência compulsiva, ou seja, a partir de acontecimentos circunstanciais e contingenciais que afloram no cotidiano, neste ambiente escolar, de sujeitos em processo de formação intelectual e de socialização, contribui para uma maior incidência de atos violentos, como um enfrentamento pela verbalização de insultos, criar situações de constrangimento de um aluno ou turma para outrem, de nomear a outrem com adjetivos constrangedores, que podem levar a uma situação de desconforto perante o coletivo, então, sempre presente nestes momentos, e até motivos dinamizadores para as ações. Quando citamos esse constrangimento, implicitamente temos neste momento um testemunhar de outros sujeitos interativamente ligados à escola, ao contexto escolar.

No foco da abordagem, temos dois aspectos a serem ventilados. Por um lado temos um sujeito em atitude de agressão e constrangimento um outro sujeito, em uma atitude de exposição do agredido no seu ambiente de maior socialização, que é a escola; por outro lado, também, de grave problemática, temos o sujeito da ação violenta com o propósito de exposição, de se destacar, de ser visto, ou seja, de alguma forma ser reconhecido como capaz de ações que lhe elevará a uma condição de respeito, mesmo que seja por ações de cunho violento. Há também uma intencionalidade de admirado e até seguido por outros que também venham a comungar de suas atitudes, mas não as levam a efetivamente colocá-las em prática.

No contexto do ambiente escolar em que se dão essas ações, as mesmas não se encerram por si só, pois, quase sempre, advém à geração de uma outra forma de violência, essa maculada por não estar diretamente vinculada na ação efetiva do momento; mas que torna-se uma manifestação de violência continuada, ou seja, gerada para além do fato, do momento ocorrido. Essa violência subsequente advém de, no momento das ações violentas não haver uma intervenção de outros alunos para cessar as ocorrências; mas sim, uma espetacularização beirando à diversão, e às vezes, a um quase êxtase pelo testemunhar *in loco*.

Com o advento do mundo tecnológico e conectividade em redes, ou compartilhamento entre equipamentos eletrônicos, como celular, tablet, computadores pessoais; bem como o compartilhamento em Redes Sociais, surge assim uma outra ação de violência: a publicização dos atos violentos. Ou seja, não se encerra os fatos no momento do acontecido, agora, há a necessidade de se compartilhar com maior extensão possível. São ações que contribuem para fomentar a continuidade da violência, pois, sempre haverá alguém disposto a ser um agente provocador da violência, sabendo ele que sua atitude além de lhe poder render algum tipo de visibilidade e aceitação imediata, senão por todos os presentes, mas por uma parte do alunado, além deslumbrar a possibilidade de ser visto de forma massificada, quando do compartilhamento eletrônico.

### 3.1 Violência escolar: criminalidade x incivilidade

É fato que temos uma violência no âmbito escolar e suas efetivas consequências, como a plateia se deleitando com o espetáculo, bem como o compartilhamento; temos que contextualizar, pelo menos a título de distinguir o que seja uma violência por comportamento de incivilidade, e não, necessariamente de atitudes de criminalidade.

Em geral, os fatos ocorridos não estão permeados dentro de uma previsibilidade, de uma ação planejada com o intuito de gerar um resultado de consequências criminais, ou seja, não há uma deliberação de cometimento que poderia ser enquadrada perante as Leis vigentes. Quando analisamos, ou buscamos contato direto com os agentes provocadores da violência, em linhas gerais não detectamos um planejamento, uma ação previamente deliberada para tal culminância, e que, categoricamente poderia ser enquadrada dentro de um processo de judicialização como crime. Quando se registra situações desse naipe, ele ocorrendo no âmbito escolar, é porque já advém de uma situação antes fomentada na e da convivência social dos envolvidos. Podemos citar alguns acontecimento dentro do espaço escolar, de uma violência mais acirrada, a partir de geratrizes de relação em tensão entre grupos, 'tribos', componentes de torcidas de times de futebol, que, em se encontrando no espaço escolar, vem à tona as tensões conflituosas, chegando-se muitas vezes a alguma via de fato.

São situações que ocorrem, não com tanta frequência no contexto escolar, mas não são necessariamente advindos das tensões dos próprios alunos na sua convivência no âmbito escolar.

As incidências no âmbito escolar recaem sempre pela motivação imediata, ou senão, em um tempo curto entre um motivo alegado pelo agente ativo e sua efetiva ação. São ações movidas pela emocionalidade, quer seja de exibição pelo ato, quer seja como resposta a uma situação antes ocorrida. O que colabora com esse sentido, que as ações sempre são de forma pública, exposta e da certeza de haver um testemunhar de outras pessoas. O que podemos aventar que as ações de violência no âmbito da escola não são ações primariamente de criminalidade, mas ações de compulsividade emocional, bem como de incivilidade.

### **3.2 Um contraponto paradoxal**

Se neste ambiente de escolaridade, há uma tensão de relações entre alunos, com violências em suas várias manifestações, sempre com o colorido de incivilidade; onde em geral a incidência não é cessada na sua origem, e até viram um espetáculo, quando não, um incitamento, e logo em seguida haver um compartilhamento; observamos por outro lado, um alunado com uma inquietação quanto as violência, ou sua leitura de violência na sociedade, seja nas suas relações diretas, seja na leitura de mundo que o faça.

Quando esse conjunto de indivíduos é levado a opinarem sobre as relações sociais contemporâneas, sempre há uma inquietude, um posicionar diante das tensões violentas da sociedade. São inquietações muitas vezes a partir de marcas desta violência vividas em seu cotidiano, presenciadas ou diretamente que as atingiram; ou ações que os comoveram pelo nível de repercussão ou diante de suas ações reações emotivas. Seja qual for à forma que essa violência permeia a inquietação, o aluno está se expondo em opinar e se posicionar.

Comportamento esse que concomitantemente, o aluno se contrapõe, quando se associa à violência do âmbito escolar e sua espetacularização e compartilhamento, o que muitas vezes não leva essa inquietude à escola, a uma articulação entre os seus círculos escolares para evitarem-se os atos, ou até mesmo, não sendo possível evitar, ter uma ação de não compartilhamento.

Diante deste quadro observado em nossa vivência docente, notadamente no círculo que envolve essa faixa etária de indivíduos, e reflexionando sobre esses contrapontos, nos debruçamos numa possibilidade de buscar entender esse paradoxo.

### **4.0 Olhar de um diagnóstico avaliativo**

Neste contexto de olhar mais detalhado para o paradoxo, entre o que o alunado convive no seu âmbito escolar e seu discurso que permeia a inquietude diante da violência contemporânea, faremos uma análise de um trabalho implementado em uma escola a qual estou vinculado.

Fomos convidados para lecionar em uma escola pública, de gestão municipal, mas que abarca o Ensino Médio Regular, no componente que estou habilitado, ou seja, professor de Filosofia. Esta unidade escolar, que comporta em seu corpo de alunado, em torno de 400 estudantes; situada no interior da Paraíba, no município de Olivedos; tem no seu quadro de regência, cerca de 25 profissionais, habilitados para suas competências.

Como professor de Filosofia, integro o quadro de docentes do Ensino Médio Regular, faixa essa que é composta de cinco turmas, assim distribuídas: duas de 1º ano, duas de 2º ano e uma de 3º ano. Na distribuição por série temos quarenta e dois alunos na última fase; quarenta e oito nas duas turmas do 2º ano, e oitenta e dois alunos na série inicial - 1º ano -. Sendo essa última, o nosso foco de atenção para a análise que faremos para entendermos um pouco o paradoxo da relação com a violência – nos aspectos aqui elencados – e o discurso inquietante.

Esse corpo de alunado – do 1º ano -, que representa 47,6% do total de alunos matriculados no Ensino Médio Regular; onde, 53,7% são do sexo masculino e 46,7 % feminino; quanto a sua localidade de residência, temos 56% estabelecidos no Campo – que a sociedade local identifica e ainda nomeia como Zona Rural, e 44% na área urbana. Essa alunado encontra-se na média de idade de 16,4 anos.

Nesta escola é de praxe no início do ano letivo, haver uma Avaliação Diagnóstica do alunado, com o objetivo de analisar o domínio que o aluno tem em cada componente, para, a partir deste diagnóstico haver um planejamento do ano letivo, buscando aproximar o melhor possível à relação de ensino/aprendizado com a realidade do aluno, seja buscando superar o que ainda apresenta de deficiência, seja aprofundando mais agudamente a elaboração dos conteúdos.

Como docente iniciante na escola, muito embora já a conhecesse e já tivesse feito algumas ações ligadas à atividade escolar e pedagógica, não conhecíamos de forma mais aguda o alunado, isso nos levou a elaborar uma avaliação diagnóstica que me permitisse conhecer com um pouco de propriedade o estudante, agora na condição de aluno direto. Elaboramos assim, a Avaliação Diagnostica conforme e como nos levasse e conhecer minimamente o alunado, notadamente no componente que somos responsável.

Entretanto, por questão de contingenciamento ainda não resolvido, com a contratação de um profissional habilitado para o componente de Sociologia, foi-nos



solicitado fazemos, também, uma avaliação que contemplasse algum aspecto do olhar sociológico, e que de uma certa forma, não somos totalmente alheio, pois, por questão de envolvimento com a dinâmica da contemporaneidade, sempre buscando um olhar não só filosófico, mas sociológico; que para isso, mantenho-me sempre bebendo em fonte de periódicos da área, além de estar sempre e continuamente em leitura das abordagens contemporânea trazidas por *Zygmund Bauman*, e seus olhares para os *'mal-estares da contemporaneidade'* e sua *'ambivalências modernas'* ou as *'vidas contadas nas individualizações das sociedades'*; focos dos olhares do pensador sociológico. Com esse olhar mínimo, busquei também, e por solicitação da Escola, fazer a Avaliação Diagnóstica do aluno, focando o olhar deste para a sociedade, neste caso, não com reflexão filosófica, mas como leitura da sociedade atual. Desta forma elaboramos duas avaliações, que descreveremos na íntegra, bem como, anexaremos as avaliações no formato impresso utilizado em sala.

O que nos moveu nessa elaboração, não foi essencialmente saber da leitura crítica do aluno da sociedade, ou identificar suas inquietações, mas, como já alentado, conhecer um pouco em nível de leitura de mundo a partir dos componentes que iriam ser trabalhados com ele, no caso, 1º ano, o primeiro contato. Não havia, assim, uma intencionalidade de fazer uma leitura de discurso do aluno diante de alguma problemática, seja ela qual fosse. Por algumas razões explícitas: o não domínio dos elementos de análise de discurso plenamente, bem como, a não intenção de saber qual o discurso do aluno diante das suas inquietudes perante os problemas sociais vigentes, notadamente, a violência, e mais contextualmente, a violência no âmbito escolar.

Essas Avaliações Diagnósticas foram pensadas e elaboradas a partir de um texto de referência de cada componente, e de autores que pensam pelos véis destes componentes. No componente de Filosofia, norteamos pelo o autor Gilberto Contrin e Mirna Fernandes, no livro: Fundamentos da Filosofia. 1ª Ed. vol. único. E no componente de Sociologia, pelo autor Nelson Dacio Tomazi, no livro didático: Sociologia para o ensino médio. 2.ed. 2010. Ambos direcionado para o Ensino Médio Regular, na escola pública.

Cada Avaliação foi composta por uma metodologia que tinha como destaque uma referência, e em seguida cinco questões para a exposição do aluno a partir de

suas próprias reflexões. Nesta avaliação, cada questão foi identificada como *Critérios Avaliativos*, com a simbologia de C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>, C<sub>3</sub>, C<sub>4</sub> e C<sub>5</sub>. Fazemos um destaque no C<sub>5</sub> para o seguinte contexto: nos critérios antecedentes, havia uma questão proposta para direcionar a reflexão do aluno, enquanto a quinta ficava a critério do aluno escolher uma temática e expor seu pensamento. Escolha livre do tema, discorrer livre.

## 5.0 As avaliações

Para o componente de Filosofia, a avaliação contém a seguinte composição:

### AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE FILOSOFIA

“A atividade filosófica é uma ‘experiência’ do pensamento que tem suas peculiaridades. Trata-se de uma maneira um pouco diferente de pensar sobre as coisas, que foge à rotina, ao automático. Mesmo assim, é acessível a todos. Você provavelmente, em algum momento, já deu os primeiros passos na experiência filosófica e nem se deu conta disso”.  
(CONTRIN, 2010, p. 09)

**C<sub>1</sub>** A partir do texto acima escreva como você entende a **vida**.

**C<sub>2</sub>** No mesmo sentido escreva sobre como você vê o **mundo**..

**C<sub>3</sub>** Para você, **o que é pensar** sobre alguma coisa?

**C<sub>4</sub>** Quando alguém pede para **você pensar melhor**, o que você entende?

**C<sub>5</sub>** Escolha um assunto que você gostaria de falar, e escreva sobre ele.

Para a Avaliação de Sociologia:

### AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE SOCIOLOGIA

VIVER EM SOCIEDADE

Quando nascemos já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo (sociedade). (TOMAZI, 2010, p. 21)

**C<sub>1</sub>** A partir do texto acima escreva **como você entende** o que é uma sociedade.

**C<sub>2</sub>** No mesmo sentido escreva **como VOCÊ** se ver na sua Sociedade (a cidade).

**C<sub>3</sub>** Você está **satisfeito** (a) com a sociedade atual?

**C<sub>4</sub>** Como você **gostaria fazer algo** pela sociedade onde mora?

**C<sub>5</sub>** Escolha um assunto sobre **convivência social** e escreva sobre ele.

### **5.1 Análise descritiva das avaliações: Filosofia**

Na Avaliação Diagnóstica de Filosofia, destacamos 21 manifestações explícitas de violência, onde, a escrita aborda a violência nomeando os atos como tal. Essas manifestações dos alunos, podemos enquadrar em algumas categorias de violência percebidas pelos mesmos.

Analisando por Critérios, e a partir do texto reflexivo proposto, o que mais houve posicionamento diante da violência, foi o **C<sub>2</sub>: No mesmo sentido, escreva sobre como você vê o mundo**, com 17 manifestações expostas; e quatro manifestações do **Critério 5 (C<sub>5</sub>): Escolha uma assunto que você gostaria de falar, e escreva sobre ele**; que vão desde a violência como fruto **de tensões em relacionamento**, passando por uma **leitura crítica do mundo no momento atual**; e neste contexto de atualidade, como momento de testemunho, não há referências de violências históricas ou passadas, mesmo no seu ambiente social; perpassando pelo **violência doméstica**, violência com o **meio ambiente – natureza -**, bem como, a que permeia o **mundo das drogas** entre a juventude.

Na violência que concerne às relações sociais, percebemos uma referência às relações carentes de afetividade, de respeito, de desencontro no entendimento que deveria regular as relações individuais ou coletivas. Neste sentido, expomos

algumas ‘falas’ de alunos, e o seu registro de leitura a partir de sua leitura de mundo, com a escrita feita pelo aluno:

*“No mundo ha muitas coisas boas, como a amizade, a compaixão e o amor, mas também muitas coisas ruim como a covardia, a violência e a traição.”*

*“Mundo e bom, mais seria melhor, sem violência, poluição, assaltos, drogas, e menos mortes.”*

O que podemos observar nesta escrita, que o aluno valoriza as relações da vida e a afetividade, mas não deixa de se inquietar com os fatores que podem desconstruir essas relações e o seu meio.

Neste mesmo sentido, destacamos outro pensamento de aluno, que assim se manifesta:

*“O Mundo é maravilhoso, so que tem muita gente que não sabe aproveitar, ultimamente ta vendo muita violência, muitas coisas ruins, tipo as drogas, as violências.”*

Neste caso, há uma visão otimista, uma visão positiva do ‘mundo atual’, mas que está sendo maculado pela violência, ou como foi citado cheio de *coisas ruins*.

Observamos também algumas manifestações de visão crítica do mundo, mas ilustrada de forma essencialmente negativa, quase uma desesperança:

*“Eu vejo o mundo de uma forma muito violenta, hoje em dia muitas pessoas não dão valor ao que tem nem a si mesmo, por isso muitas se entregam as drogas, roubos, prostituição etc.”.*

Podemos perceber neste pensamento, ilustrado pela fala de uma aluna, que acima reproduzimos da forma que foi escrito, um olhar maculado pela inquietação, e de forma pessimista.

Houve alguns registros que abordou a violência de cunho doméstico, principalmente, por ventilar algumas ocorrências de apelo público de maior evidencia e midiaticização. Destacamos dois textos, na forma que foram escritos e escritos por alunas:

*“Eu vejo o mundo com muita violência os homens batendo nas mulheres, crianças sendo assassinadas pela sua própria mãe.”*

*“Sobre a violência, no mundo das coisas que mais existe é a violência, homem batendo em mulher, mães batendo em filhos menores, filhos batendo em mães, e etc.”.*

Não é ótica para essa abordagem, mas, ao procurarmos compreender algumas manifestações em forma de pensamentos escritos, nos deparamos com uma juventude que vivencia uma violência doméstica em suas diversas matizes, o que resulta em um discurso sobre a violência do seu meio.

Chegamos assim, a uma análise que, dos 82 alunos do primeiro ano, vinte e um discorreram sobre a violência, ou seja, cerca de um quarto do alunado está inquieto com uma realidade de violência que permeia a sociedade. Em nenhum destes casos, há uma referencia à violência no âmbito escolar, seja no seu espaço de vivencia escolar, seja como leitura dos acontecimentos que ilustra o noticiário na atualidade.

Uma reflexão nos chama a atenção: se esse alunado seja no seu universo analisado – oitenta e dois dos 1º ano médio -, cerca de ¼ expôs seu pensamento sobre a violência, os demais versaram sobre outros diversos assuntos; e destes nenhum fez menção da violência no âmbito escolar; será que eles não vêm essas ações como também, violentas? Não seria uma visão de violência por incivildade, não associada a uma violência criminalizada, como as que saem nos meios de mídia e traz comoção? Mais adiante procuraremos fazer algumas reflexões sobre esses aspectos.

## **5.2 Análise descritiva das avaliações: Sociologia**

Na Avaliação Diagnóstica de Sociologia, com o mesmo universo de alunos feito na de Filosofia, ou seja, 82 alunos, diferentemente do índice desta, em Sociologia o número de alunos foi mais expressivo, quanto identificamos nas análises das escritas um total de 42 alunos se referindo à violência, nos cinco critérios apresentados. Houve também uma outra característica. Enquanto na avaliação de Filosofia só dois critérios - **C<sub>2</sub>** e **C<sub>5</sub>** – foram utilizados como inquietação. No caso da Avaliação para o componente de Sociologia, todos os critérios foram utilizados para as manifestações dos alunos. Houve avaliações onde em mais de um

critério foi utilizado pelo aluno para expor suas inquietações diante da violência por eles analisada.

Os posicionamentos dos alunos nesta avaliação, assim, tornou-se mais expressiva, o que direciona nosso olhar com maior proximidade para suas inquietações. Veja assim as ocorrências:

- C<sub>1</sub> A partir do texto acima escreva como você entende o que é uma sociedade. = 3
- C<sub>2</sub> No mesmo sentido escreva como VOCÊ se vê na sua Sociedade (a cidade). =1
- C<sup>3</sup> Você está satisfeito (a) com a sociedade atual? = 20
- C<sub>4</sub> Como você gostaria fazer algo pela sociedade onde mora? = 7
- C<sub>5</sub> Escolha um assunto sobre convivência social e escreva sobre ele. = 25

No conjunto de 42 alunos que discorreram sobre violência, foram elaborados pelos alunos cinquenta e seis textos de inquietações diante da violência, conforme a leitura de mundo dos mesmos. E como o C<sub>5</sub> foi proposto para o aluno escolher um assunto para discorrer, foi o critério que houve mais contextualização das inquietações.

Mesmo incorrendo em mais escrita de manifestações nesta avaliação do componente de Sociologia, em relação à de Filosofia, o teor das abordagens do alunado continua dentro do mesmo sentido. Se houve uma maior manifestação, também é real que os critérios apresentados foram mais pontuais para esse intento.

Como o propósito não é adentrar dentro do discurso do aluno, mas sim, expor o contra ponto entre as suas manifestações de inquietações quanto à violência e a vivencia cotidiana no âmbito escolar, com ações e atitudes que culminam em alguma manifestação de violência, mesmo que esta não seja necessariamente e imperativamente categorizada como crime, mas como atos de incivildade; faremos alguns registros de algumas falas, notadamente e mais especificamente nos C<sub>3</sub> e C<sub>5</sub>.

Quando levamos ao aluno a provocação reflexiva do C<sub>3</sub>, que tem sua proposta perquirir ao aluno quanto a sua satisfação diante da vida em sociedade atualmente - *Você está satisfeito (a) com a sociedade atual?* –; do total de 82 alunos, vinte se expressaram, cerca de ¼, não necessariamente dentro dos

conceitos e sentidos de *satisfeito* ou *insatisfeito*. Mas foram incisivos no uso do termo *violência*, e se expressaram em sua totalidade nesta fenomenologia comportamento de relações no contexto social.

Reproduziremos a seguir algumas escritas, *Ipsis litteris*.

**C<sub>3</sub>**: *Você está satisfeito (a) com a sociedade atual?*

*“Não. Porque nela há muita violência, falta de respeito, falta de atendimento nos postos de saúde, e na escola muita gente não sabem respeitar o ambiente em que está situado.”* (aluna).

*“Não. Pois hoje em dia a sociedade está cada vez globalizada, isto é se adaptando cada vez mais as novas tecnologias, se esquecendo muito de Deus, gerando violência e também acidentes”.* (Aluna).

*“A sociedade geral, ou seja o mundo, não, o mundo de hoje em dia tem muita violência, eu particularmente acho sim que tem jeito de mudar, se todo mundo quiser.”* (aluno).

*“Não. Hoje não se há mais respeito com ninguém, violência é abrangente na sociedade isso me deixa totalmente insastifeito.”* (Aluno).

Enquanto no **C<sub>3</sub>**, houve um direcionamento, ou seja, o critério indicava um posicionamento, no **C<sub>5</sub>** - *Escolha um assunto sobre convivência social e escreva sobre ele.* – que houve 25 textos falando de violência, cerca de 30% do alunado em foco, a proposta foi de o aluno dispor de um tema escolhido no momento. Vejamos algumas posições de alunos, quando das suas escolhas para discorrer sobre uma temática por eles mesmos escolhidos, no caso em pauta, escolheram a violência.

Vejamos algumas “falas” de alunos, no Critério.

**C<sub>5</sub>** *Escolha um assunto sobre convivência social e escreva sobre ele.*

*“A violência no Brasil está um absurdo, cada dia que passa o crime domina as cidades do Brasil, e eu acho que deveriam tomar providências, porque as pessoas (?) podem sair de suas casas por medo de serem assaltadas.”* (aluna).

*“A violência: A violência de hoje em dia esta muito grande. Podem diminuir com isso. Pois isso é vergonhoso para a sociedade.”* (Aluna).

*“A violência no mundo. O mundo de hoje tá muito violento por que todo canto que andamos ouvimos falar da violência. Seria muito bom se essa violência toda acabasse tenho certeza que o mundo ficaria muito mais melhor se a violência acabasse ...” (Aluna).*

Percebemos assim, que realmente há uma inquietação marcante de uma juventude estudantil preocupada com as ocorrências na sociedade no que diz respeito à violência, mas essa sempre categorizada pelo, quase, algo de um olhar mais a frente, um olhar de uma outra dimensão, de uma realidade apenas de leitura, e quase sempre há uma ausência do aluno se vendo dentro de um cenário de violência. O mundo, as pessoas, o país, é visto e contextualizado por uma lente de observação, e não, como um cenário, onde o sujeito que fala da violência, também ele, está inserido. No caso do alunado juvenil, na violência do âmbito escolar. Uma violência do mundo que vejo.

O que ficou patente nestas escritas do alunado foi às inquietações que permeiam o pensamento destes jovens estudantes, diante de um quadro social onde a violência em suas diversas facetas. Jovens estes de uma cidade, que tem uma população em torno de 3,6 mil habitantes, o alunado majoritariamente originário do Campo, mesmo os que residem na área urbana, mas de raízes “rurais”; mas que estão preocupados com a violência que permeia a sociedade em geral. Mesmo que não tenham em suas manifestações perante a violência, o olhar para as violências no âmbito escolar, seja como partícipes diretos, seja como partícipes na espetacularização e sua divulgação eletrônica e em massa.

## **6.0 O olhar do aluno**

Verificamos nesta Avaliação Diagnóstica que a inquietação do alunado diante da violência que campeia a sociedade atual, não é vista pelo aluno num processo tardio, mas ele mesmo sendo testemunha ocular, ou sabedor pelo mais diversos meios hoje existente, pois:

A presença constante nos noticiários da televisão e da imprensa, a violência se impõe como realidade de crueldade e de insensibilidade, com muitas faces: a familiar, a ligada ao tráfico de drogas, a do cotidiano dos centros urbanos, a



institucional, aquela que envolve as pessoas próximas ou desconhecidas. (MATTOS, COELHO, 2011. p.195).

Neste contexto, temos um momento da história onde o acontecido está sendo colocado em foco enquanto acontecimento, no caso da violência, especificamente, onde o fenômeno em ocorrência – a violência alastrada – tem um testemunhar simultâneo e capaz de fazer análise, entender e problematizar; sendo não mais uma atividade para os meandros da história, como ato passado, mas como um fenômeno problematizado no seu tempo ocorrido.

Como o alunado hoje tem melhores e maiores condições de se assenhorar dos acontecimentos do mundo que os circunda, e muitas das vezes como testemunha direta ou indiretamente; e nesse processo se posicionar, problematizando os eventos desta categoria, bem como se mobilizando, ou com possibilidade de mobilização para se antepor às ocorrências, suas causas geratrizes, como também buscar com um bom entendimento de causa, saídas para suas inquietações.

Enquanto inquietação, mas não tão só, busca ele, também se mobilizar para mudar esse realidade latente. O descompasso, ainda, consiste que este mesmo jovem, levado pela compulsividade, pelo espírito de deparar-se com alguma coisa fora da ordem estabelecida e querer saber; e como ainda em processo de maturação ética, humana, social, psicológica, pela sua realidade existencial em processo de formação, esse jovem ao presenciar uma violência de cunho público, ele se aglomera junto de tantas outras pessoas para, quando houver, visualizar, se possível registrarem, para assim que possível socializar, seja entre amigos, de aparelho para aparelho, seja em redes de massa, notadamente no espaço e mundo virtual. E, muitas vezes até fazem quase como um feito, pois, *esteve lá, foi testemunha ocular.*

Essa condição de sujeito em construção, e que ainda age por um impulso, que o leva a ser uma testemunha de um fato de violência, ou que venha a tomar conhecimento, com uma forma diferente, também, muitas vezes se reproduz na escola, onde, há uma violência no âmbito escolar, e quase sempre, quando não está envolvido diretamente, mas está de forma como testemunha, ou como sabedor de alguma fonte.

E, se para este ocorrido ele puder registrar como testemunha, ou acessar o registro testemunhado, para o aluno houver a possibilidade, ele não só quer ter ciência dos fatos ocorridos, mas, também, busca socializar via compartilhamento. Pode até vir depois um sentimento que busque problematizar os fatos ocorridos e por ele testemunhado e compartilhado, mas até esse momento, ele já fez a sua ação, também violenta, de disseminar a violência pelo seu compartilhamento entre equipamentos e/ou redes sociais.

Podemos assim, de forma preliminar para essa abordagem que o alunado está cada vez mais inquieto com o que campeia a sociedade e traz um esteio de insegurança, incertezas – a violência -, de tal forma que problematiza, se mobiliza, questiona; mas, entretanto, ao mesmo tempo ainda está na condição de separar o que problematiza e o que testemunha no seu âmbito escolar.

Se na sociedade os fenômenos de violência são inquietantes, no âmbito escolar ainda permeia as ações de presenciar, mesmo que não reúna condições de se contrapor ao acontecimento, mas tem a curiosidade de testemunhar e se possível socializar, seja de forma privada, seja de forma massificada em redes sociais.

Eis um grande desafio para a escola, para a comunidade escolar, tentar aproximar essas duas realidade vividas: suas inquietações e seu discurso com sua prática se testemunhar e socializar as violências no âmbito escolar.

## **7.0 Ponto de reflexão para a docência**

Diante do ponto de entendimento que a escola é o espaço de socialização, que tem como imperativo a busca da formação do sujeito, desde a sua formação em *educar-se* – aqui falo em educar como extensão da educação já implementada pela família e sociedade -, e *instruir-se* – real objetivo da escolarização -, para a sua formação como sujeito, que exercerá sua participação na sociedade em condições de melhor contribuir e formar a sua sociedade; é função da escola está integrada a sociedade e aos seus membros, de tal forma que possa, em sua posição de formação de indivíduos, melhor capacita-lo e fazer leitura de mundo, entendê-lo e transformá-lo.

Neste mister cabe a comunidade escolar, capacitar-se para entender os fenômenos que permeia a sociedade e todas as ocorrências que ilustram cada

sociedade. A violência é um destes fenômenos hoje fortemente presente em toda sociedade, e caleidoscópica, ou seja, em mais diversas facetas de manifestações.

Para nós, agentes diretos na relação ensino-aprendizado, professores, por onde devem ressoar os propósitos de formação do indivíduo social, nos deparamos com esses fenômenos de violência; violência que é histórica na existência humana, mas que, neste momento, o da contemporaneidade – ou como se lê mais apropriadamente, pós-modernidade -, temos uma violência com aspectos não vistos antes, seja na sua forma de manifestação, seja na forma como esse fato é hoje massificado pela rápida circulação de informação.

Com esse cabedal de informações, e dentro deste, a violência e suas novas facetas, chega ao alunado, sujeito em formação, que ainda está no nível de formação ética e discernimento, e vivendo como personagem direta da revolução informacional que permeia todos os ângulos da vida pós-moderna. Vê-se ele diante do fenômeno Violência de tal forma tão incisiva, tão cotidiana, por todo lado ocorrendo e sendo noticiada e até espetacularizada, que, como nós outros, ou seja, espectadores do *espetáculo*, passamos agora a ter o fenômeno como *coisas da atualidade*; coisas dos *tempos*, ou seja, um quase olhar de banalização, onde o espanto e a indignação não mais nos alerta. Apenas pulamos de ocorrência a ocorrências.

Quando, enquanto comunidade escolar, no âmbito escolar, e agora pelo prisma de professor, nos deparamos com essa violência, dos alunos, seja na escola enquanto espaço físico, seja em outro contexto, mas que a figura da escola seja presente, nos tomamos pela inquietação.

Podemos ter diante deste fato algumas atitudes já de praxe, já devidamente programada e que *sempre funcionou*, achava-se, tais como: agir sobre o corpo do aluno, fazendo-o ausentar-se da sala de aula; ameaça-lo com, também, a *violência institucional* – reprovar, suspender, expor, etc.; chamar os pais ou responsáveis; encaminhá-los ao psicólogo da escola, dentre outras ações devidamente em cada escola programada.

Entretanto, geralmente essas atitudes se têm diante de um ou poucos alunos, como se registrava em algum momento, mas hoje, essas atitudes de violência de incivilidade estão alastrada em uma gama maior de alunados na mesma escola; em escolas que cresceram e vêm crescendo em números de alunos, e em

uma realidade destoante de crescimento, pois, eleva-se o número de alunos, mas não se adequa as escolas, as estruturas, a ocupação espacial – conforto, logística, segurança, interatividade, lazer etc. -, tornando-se a escola a mais um ambiente de convulsão social de alunos em suas mais variadas formas de manifestações, em geral, ainda, na escola, de ações de incivilidade, não necessariamente de criminalidade.

Com esse panorama, temos a figura do professor, agente direto, agudo, incisivo, determinante, que irá fazer a ação direta de formação do jovem. E, ele, o professor, agora se vê diante de um quadro de incivilidade estudantil *nunca antes observado na história*, não nesse grau e ângulos. É esse – o professor – que ficará, seja implicitamente seja explicitamente com a função de *resolver* a questão. Resolver no sentido de instruir, orientar, ajudar, ensinar, para que essa manifestação de origem essencialmente humana, seja resolvida. Quando não o faz, é por falta de capacitação, falta de domínio de turma, falta de comprometimento com a formação do aluno, não tem o dom, fala de envolvimento com os problemas da escola, etc.

Diante deste quadro, algumas reflexões se fazem necessárias, por mais inquietantes que sejam, por mais que não mostrem saída de solução a curto prazo, por mais que não tragam respostas, ao contrário, venha a trazer mais inquietações. Podemos elencar algumas: o fenômeno violência no *âmbito escolar* já está devidamente compreendido? A violência na sociedade, já foi devidamente compreendida a partir das suas diversas matrizes? A violência no *âmbito escolar* é a mesma violência que transcorre na sociedade? É uma representação desta? O professor, como ele está nas suas relações em sociedade diante da violência que a permeia? Ele sozinho daria conta do fenômeno na relação de ensino-aprendizado? Ele, professor, também não é muitas vezes, explicita e implicitamente vítima desta *violência*? Ele está em condições de, em determinado momento, não usar a violência institucional da escola? Foi capacitado e devidamente habilitado para essas ocorrências no *âmbito escolar*? Ele recebe o apoio da escola, do Sistema de Ensino, da sociedade para o enfrentamento do desafio posto na escola?

Poderíamos perquirir em um lastro de interrogações, mas sempre no mesmo ponto: o professor está preparado para essa abordagem? O professor foi habilitado em sua formação para essa fenomenologia pós-moderna: *violência no âmbito escolar*? O que fazer?

Para as instituições que direcionam o ensino, buscar políticas que possam melhorar, senão minimizar os efeitos danosos desta violência na escola, num primeiro momento, buscando um estancamento. Depois, elaborar políticas não miraculosas, mas de alcance real e para serem implementadas a médio e longo prazo.

Na escola, buscar em vários momentos de convivência com o conjunto da *comunidade escolar* – professores, direção, apoio, coordenadores, pais, e acima de tudo, **o aluno**. Quando destaco aqui o aluno, estamos nos referindo ao contexto real que, é histórico no pensar da vida e realidade escolar: o sujeito para quem se pensa, o aluno, não está presente, não é partícipe, não constrói também, no nível de suas capacidades, às ações a serem implementadas com ele mesmo. Uma discrepância histórica. Nestas ações da escola, elaborar ações exequíveis de serem colocadas em práticas, fugir de grandes elaborações teóricas em projetos políticos e pedagógicos, não que esses sejam desimportantes, não, mas que as ações sejam mais de cunho prático do que objetivos idealizadores em um projeto, este como embasamento teórico para uma vivência escolar. Elaborar ações práticas, executáveis, de alcance de todos, e feitos de forma alicerçados, sem se incorrer em ações para resultados imediatos.

Ao professor, cabe a *angústia* e o *desespero*.

A angústia de vê-se diante de uma realidade para a qual não foi preparado, seja em sua busca interior, seja na sua construção de sujeito no mundo, *jogado aí*, seja na sua construção epistemológica. Essa angústia que Giles interpreta quando está bebendo na fonte angustiada de Kierkegaard: *A angústia é a condição indispensável para que a existência autêntica do Indivíduo se realize.* (GILES, 1989, p.19). Mas também é pela angústia que:

O Indivíduo vê intercalar-se entre ele e o mundo um vácuo que o faz perder todo o sentimento de segurança. Sente-se arrebatado, entregue exclusivamente a si mesmo. Só na medida em que for capaz de sofrer a prova desse abandono será existencialmente livre. Somente através dessa angústia lhe será da do alcançar a liberdade; não há outro caminho para até ela chegar. (GILES, 1989)

Para o autor, essa liberdade leva a uma vertigem de sobrevivência:

A angústia pode ser comparada à uma vertigem. Quando o olhar imerge num abismo, existe uma vertigem, que nós chega tanto do olhar como do abismo, uma vez que nos seria impossível deixar de encarar. Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar. (GILES, 1989; p. 21).

Quando olhamos o fenômeno violência, e esta agora dentro de nosso *âmbito escolar*, nos vemos diante de um fosso, de uma agonia, de uma angústia, que nos deixa *tonto*, sem um norte seguro, sem ao mesmo tempo podermos deixar de ver ou dizer que o abismo não existe. Até mesmo a fuga é impossível, que, mesmo que, contrariando sua natureza de mediador entre o mundo e os indivíduos-alunos que faz parte de sua realidade existencial, ele venha a *fugir* do caminho e do abismo, seu espírito já foi maculado pela vertigem.

Resta-o agarra-se a sua realidade de professor, buscar uma *finitude*, um aporte de recursos, de meios, de ajuda, e boa ajuda para não sucumbir em sua missão, árdua, penosa, mas, digamos poética e sonhadoramente missionária.

Quando esse indivíduo, o professor, encara a angústia, vivencia a vertigem de olhar para a realidade, foge ele do desespero, da desesperança, do *não sei o que fazer*, calcificando o desespero que alguém que não conseguiu superar o olhar do abismo, e mais uma vez trazemos à tela, Giles:

O homem que afirma com coragem o seu desespero não está longe da cura, está mesmo mais próximo do que todos aqueles que não são considerados desesperados ou não se julgam desesperados. Mas a maior parte das pessoas vive sem grande consciência do seu destino (...) e, daí, toda aquela falsa despreocupação, aquela falsa satisfação em viver etc., **que é o próprio desespero** (grifo nosso). (GILES, 1989, p. 15).

O professor angustiado e desesperado trilhará um caminho, abismal, de vertigem, mas um caminho de amplas possibilidades de ele ser ele mesmo, na essência de suas escolhas, e essas escolhas de uma eterna busca de liberdade existencial diante do desafio enquanto Ser, como sendo esse Ser, um Professor.

## 8.0 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

CARRARO, Paulo. **Violência nas escolas**. UFF Debate Brasil. – Teatro da UFF; 19 de maio de 2009.

CASTRO, Paula Almeida de, MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de (Organizadoras). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. *Violência na escola: reconstruindo e revisitando trajetórias e imagens de pesquisas produzidas por no Núcleo de Etnografia em Educação entre 1992 e 2007*. Campina Grande: EDUEPB, 2011

CONTRIN, Gilberto, FERNANDES, Mirna. **Fundamentos da Filosofia**. 1ª Ed. Vol. único. São Paulo: Saraiva, 2010.pág. 09.

GILES, Thomas Ransom, 1937-. **História do existencialismo e da fenomenologia**. Capítulo I: Sören Aabye Kierkegaard. – São Paulo: EPU, 1989. p. 15 – 21.

GUIMARÃES, Áurea M. **Escola: Espaço de violência e indisciplina**. Revista eletrônica. UNICAMP. [www.lite.fea.unicamp.br/revista/guima.html](http://www.lite.fea.unicamp.br/revista/guima.html). 02/07/2006. p. 2-9.

MARRIEL, Lucimar Câmara. **Violência escolar e autoestima de adolescentes**. Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli – Escola Nacional de Saúde Pública/ Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz. Caderno de Pesquisa, v. 36, n. 127, p, 35-50, jan/abr. 2006.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Trad. Rosaura Eichemberg. – São Paulo: Cia da Letras, 1996. P. 53.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**; [coordenação Valdir José de Castro]. – São Paulo: Paulus, 2003. P. 61.

SILVA, Marinalva Freire da. **Violência na escola**. Revista Conceito. – Vol. 2, n. 19 (Dez. 2013).- João Pessoa: ADUFPB-Seção Sindical do ANDES-SN, 2013. Semestral. ISSN 1519-7204. p. 19.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 2.ed. – São Paulo: Saraiva, 2010. Pág. 21.

Anexo I – Aluno de Filosofia – Turma 1º A



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: FILOSOFIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA "A"

ALUNO (A)

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

"A atividade filosófica é uma 'experiência' do pensamento que tem suas peculiaridades. Trata-se de uma maneira um pouco diferente de pensar sobre as coisas, que foge à rotina, ao automático. Mesmo assim, é acessível a todos. Você provavelmente, em algum momento, já deu os primeiros passos na experiência filosófica e nem se deu conta disso".<sup>1</sup>

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva como você entende a vida.

Eu entendo a vida de uma maneira muito diferente de outras pessoas, para mim a vida deve ser de alegria, desempenho, atenção, brincadeiras mais também de muita responsabilidade.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva sobre como você <sup>VE</sup>er o mundo.

Eu vejo o mundo de uma forma muito violenta, hoje em dia muitas pessoas não dão valor de que tem nem a si mesmo, por isso muitas se entregam as drogas, roubos, prostituição etc.

C<sub>3</sub> Para você, o que é pensar sobre alguma coisa?

Para mim pensar é relaxar e refletir em alguma coisa que não sai da sua cabeça.

C<sub>4</sub> Quando alguém pede para você pensar melhor, o que você entende?

Eu entendo que aquela pessoa quer que eu reflita mais e que eu tome cuidado para não tomar decisões precipitadas.

C<sub>5</sub> Escolha um assunto que você gostaria de falar, e escreva sobre ele.

Não quero falar.

<sup>1</sup> CONTRIN, Gilberto, FERNANDES, Mirna. *Fundamentos da Filosofia*. 1ª Ed. Vol. único. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 20.



Anexo II – Aluno de Filosofia – Turma 1º A



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: FILOSOFIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA "A"

ALUNO (A)

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

"A atividade filosófica é uma 'experiência' do pensamento que tem suas peculiaridades. Trata-se de uma maneira um pouco diferente de pensar sobre as coisas, que foge à rotina, ao automático. Mesmo assim, é acessível a todos. Você provavelmente, em algum momento, já deu os primeiros passos na experiência filosófica e nem se deu conta disso".<sup>1</sup>

Boa noite!

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva como você entende a vida.

A vida é uma oportunidade que Deus nos dar para vim ao mundo, a vida é uma coisa boa de se viver, porém, devemos saber vivê-la.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva sobre como você ~~ve~~ <sup>ve</sup> o mundo.

Nos dias de hoje eu vejo um mundo agressivo, com muita violência, nos humanos invadindo os lugares dos animais, ou seja, desmatando e contaminando os habitat deles.

C<sub>3</sub> Para você, o que é pensar sobre alguma coisa?

É usar a mente, usamos a mente nos pensamos em várias coisas boas e também ruins, viajamos para outros mundos através do pensamento.

C<sub>4</sub> Quando alguém pede para você pensar melhor, o que você entende?

Na minha opinião ele pede pra você se aprimorar, ou seja, usar a mente melhor sobre aquilo exposto por alguém.

C<sub>5</sub> Escolha uma assunto que você gostaria de falar, e escreva sobre ele.

A violência é um fato que está sendo usado por várias pessoas no mundo, por causa dessa violência muitos humanos estão morrendo, ou sendo matado, devemos saber viver sem violência e sim com paciência para as coisas.

<sup>1</sup> CONTRIN, Gilberto, FERNANDES, Mirna. *Fundamentos da Filosofia*. 1ª Ed. Vol. único. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 22.

Anexo III – Aluno de Filosofia – Turma 1º B



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: FILOSOFIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA B

ALUNO (A) \_\_\_\_\_

AValiação DIAGNÓSTICA

"A atividade filosófica é uma 'experiência' do pensamento que tem suas peculiaridades. Trata-se de uma maneira um pouco diferente de pensar sobre as coisas, que foge à rotina, ao automático. Mesmo assim, é acessível a todos. Você provavelmente, em algum momento, já deu os primeiros passos na experiência filosófica e nem se deu conta disso".<sup>1</sup>

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva como você entende a vida.

① a vida é cheia de altos e baixos

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva sobre como você vê o mundo.

social  
① o mundo é maravilhoso, se que tem muita gente que não sabe aproveitar, ultimamente tá sendo muita violência, muitas coisas ruins, tipo as drogas, as violências

C<sub>3</sub> Para você, o que é pensar sobre alguma coisa?

refletir melhor  
① só pensa pra refletir?

C<sub>4</sub> Quando alguém pede para você pensar melhor, o que você entende?

① e procura saber melhor de que você quer ou de que você precisa

C<sub>5</sub> Escolha uma assunto que você gostaria de falar, e escreva sobre ele.

① religião. acho muito interessante que eu aprendei várias coisas falando para esse assunto  
Bom!

<sup>1</sup> CONTRIN, Gilberto, FERNANDES, Mirna. *Fundamentos da Filosofia*. 1ª Ed. Vol. único. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 22

Anexo IV – Aluno de Filosofia – Turma 1º B



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: FILOSOFIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA B

ALUNO (A) [REDACTED]

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

"A atividade filosófica é uma 'experiência' do pensamento que tem suas peculiaridades. Trata-se de uma maneira um pouco diferente de pensar sobre as coisas, que foge à rotina, ao automático. Mesmo assim, é acessível a todos. Você provavelmente, em algum momento, já deu os primeiros passos na experiência filosófica e nem se deu conta disso".<sup>1</sup>

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva como você entende a vida.

Para mim a vida é uma travessia que você tem de aproveitar ao máximo, clara com responsabilidade, e tem que pensar em todos os atos que você precisa fazer.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva sobre como você <sup>VE</sup> o mundo.

Para mim o mundo poderia ser muito melhor do que é hoje em dia. Existe muita violência e o mundo está literalmente de cabeça para baixo.

C<sub>3</sub> Para você, o que é pensar sobre alguma coisa?

Eu acho que pensar sobre alguma coisa é refletir sobre aquilo que você fez, ou o que vai fazer.

C<sub>4</sub> Quando alguém pede para você pensar melhor, o que você entende?

Para refletir bem antes de fazer alguma coisa, ou seja, se você vai fazer algo errado, pedir alguma inspiração aí você tem que falar pra si mesmo, seria que eu devo fazer isso e isso que eu acho.

C<sub>5</sub> Escolha um assunto que você gostaria de falar, e escreva sobre ele.

Um assunto que hoje assola o mundo em todos os cantos que eu acho que deveria ter mais atenção de que já tem são os drogas. Um assunto chato, mas que não pode ser esquecido, que causa muita dependência e causa a morte um resumo de drogas.

<sup>1</sup> CONTRÍN, Gilberto, FERNANDES, Mirna. Fundamentos da Filosofia. 1ª Ed. Vol. único. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 20.

Anexo V – Aluno de Sociologia – Turma 1º A



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: SOCIOLOGIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA "A"

18-02-14

ALUNO (A) \_\_\_\_\_

AValiação DIAGNÓSTICA

VIVER EM SOCIEDADE: "Quando nascemos já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo (sociedade)".

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva **como você entende** o que é uma sociedade.

É saber respeitar o próximo, assim como quemos nem respeitado, não provocando violências e outros.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva **como VOCÊ** se ver na sua Sociedade (cidade).

Eu me vejo como uma atuante respeitadora entre as pessoas, com um igual as outras pessoas, porque no mundo não existe ninguém melhor que outro.

C<sub>3</sub> Você está **satisfeito** (a) com a sociedade atual?

Não. Porque nela há muita violência, falta de respeito, falta de atendimento nos postos de saúde, e na escola muita gente não sabe respeitar o ambiente em que está situado.

C<sub>4</sub> Como você **gostaria de fazer** pela sociedade onde mora?

Diminuir as brigas, melhorar o saneamento do esgoto, porque meus filhos do João e outros mais problemas sociais.

C<sub>5</sub> Escolha um assunto sobre **convivência social** e escreva sobre ele.

na cidade em que moro, inclusive nas festas, a falta de respeito é grande, o uso de bebidas, a cidade não é muito evoluída, mas por outro lado tem muita coisa boa.

Anexo VI – Aluno de Sociologia – Turma 1º A



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: SOCIOLOGIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA "A"

ALUNO (A)

1810214

AValiação DIAGNÓSTICA

VIVER EM SOCIEDADE: "Quando nascemos já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo (sociedade)".<sup>1</sup>

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva **como você entende** o que é uma sociedade.

✓ Eu entendo sociedade <sup>OK</sup> como o conjunto de pessoas na  
qual estamos inseridos. um exemplo nossa cidade  
Olivedos, e uma sociedade na qual se distingue vários  
culturas.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva **como VOCÊ** se vê na sua Sociedade (cidade).

Me vejo como um adolescente (cidadão) normal como  
todos os outros, onde seguo meus direitos e deveres,  
minhas culturas e crenças.

C<sub>3</sub> Você está **satisfeito** (a) com a sociedade atual?

Não. Pois hoje em dia a sociedade está cada vez  
globalizada, isto é se adaptando cada vez mais  
as novas tecnologias, se esquecendo muito de Deus,  
gerando violência e também acidentes.

C<sub>4</sub> Como você **gostaria de fazer** pela sociedade onde mora?

Gostaria de mudar alguns hábitos, dentre outras coisas.  
Quais hábitos? Como? Onde? com quem,

C<sub>5</sub> Escolha um assunto sobre **convivência social** e escreva sobre ele.

Sobre os conflitos entre pai e filho, ou desobediência  
familiar que está cada vez maior, os filhos querem  
ser independentes. Mas não podemos fazer isso, foram  
eles que nos deram a vida e lutam por nós,  
apesar de não ser em todos os casos.

Anexo VII – Aluno de Sociologia – Turma 1º A

18/02/14



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: SOCIOLOGIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA A

ALUNO (A):

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

VIVER EM SOCIEDADE: "Quando nascemos já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo (sociedade)".

C1. A partir do texto acima, escreva como você entende o que é uma sociedade.

CP Quem é a cidade que moramos, uma reunião de pessoas em geral. Já cidade?

C2. No mesmo sentido, escreva como VOCÊ se ver na sua Sociedade (cidade).

C Eu me vejo como uma estudante que costuma fazer coisas que acontecem hoje em dia.

C3. Você está satisfeito (a) com a sociedade atual?

eu não  
No momento não, pelo menos na minha. Mas a realidade está um pouco grande, e acho que as pessoas deveriam se conscientizar disso.

C4. Como você gostaria de fazer pela sociedade onde mora?

C De ajudar pessoas com baixa renda, melhorar a saúde da cidade.

C5. Escolha um assunto sobre convivência social e escreva sobre ele.

C A violência no Brasil está um absurdo, cada vez que passa o crime domina as cidades do Brasil, e eu acho que deveriam tomar providências, porque as pessoas mais pobres usam de suas casas por medo de serem assaltadas.

Anexo VIII – Aluno de Sociologia – Turma 1º B



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: SOCIOLOGIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1º ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA B

19/10/2014

ALUNO JA

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

VIVER EM SOCIEDADE: "Quando nascemos já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo (sociedade)".

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva como você entende o que é uma sociedade.

Um grande ou um pequeno conjunto de pessoas com hábitos entre si, de forma organizada, em uma dependência da pessoa.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva como VOCÊ se vê na sua Sociedade (cidade).

Eu me vejo de certa forma integrada com os demais.

C<sub>3</sub> Você está satisfeito (a) com a sociedade atual?

A sociedade atual, em geral, não me deixa muito feliz. O mundo hoje em dia tem muita violência, e particularmente acho ruim que eles gostem de mudar, e não considerem que...

C<sub>4</sub> Como você gostaria de fazer pela sociedade onde mora?

Ajudar a mudar, em várias aspectos, como no aspecto econômico, que minha cidade está apresentando muitos problemas, para o pessoal de fora ajudar.

C<sub>5</sub> Escolha um assunto sobre convivência social e escreva sobre ele.

A exclusão social de algumas pessoas, pessoas pobres que também não possuem os recursos para o resto do mundo. Que se trata de tudo isso de todos os tipos, com menção, talvez, a outras coisas, pessoas que se acham melhores do que os demais, existe de uma certa forma um preconceito que por mim isolam as pessoas, vivem em uma mesma sociedade, mas que alguns não acham isso.

Anexo IX – Aluno de Sociologia – Turma 1° B



COLÉGIO MUNICIPAL MONSENHOR STANISLAW - OLIVEDOS - PARAÍBA

COMPONENTE: SOCIOLOGIA Prof. EDSON BRITO SILVA

1° ANO - MÉDIO REGULAR

TURMA B<sup>e</sup>

Data 13/10/14

ALUNO (A)

AValiação DIAGNÓSTICA

VIVER EM SOCIEDADE: "Quando nascemos já encontramos prontos valores, normas, costumes e práticas sociais. A vida em sociedade é possível, portanto, porque as pessoas falam a mesma língua, são julgadas por determinadas leis comuns, usam a mesma moeda, além de ter uma história e alguns hábitos comuns, o que lhes dá um sentimento de pertencer a determinado grupo (sociedade)".

C<sub>1</sub> A partir do texto acima, escreva **como você entende** o que é uma sociedade.

Sociedade na minha opinião é uma coisa que  
C cada dia fica mais bonita mais que a minha  
cidade.

C<sub>2</sub> No mesmo sentido, escreva **como VOCÊ** se ver na sua Sociedade (cidade).

me vejo muito bem respeitado na minha  
C sociedade eu respeito o governo respeito

C<sub>3</sub> Você está **satisfeito (a)** com a sociedade atual?

não muito tem algumas coisas que precisam  
C melhorar como as ruas de asfalto, tirando  
isso eu não posso fazer nada

C<sub>4</sub> Como você **gostaria de fazer** pela sociedade onde mora?

eu queria poder contribuir na minha  
C sociedade ajudando as necessitados que em  
todo lugar tem.

C<sub>5</sub> Escolha um assunto sobre **convivência social** e escreva sobre ele.

A convivência social nas ruas não é tão boa tem  
C algumas pessoas que fazem um pouco da vida das  
outras e se não fosse disso.